Tradução

Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais
(Texto de apresentação)

Messias Basques
Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Por que os cursos de Ciências Sociais raramente se baseiam na leitura de autores negros? Alguns dizem que os clássicos (e a sua demasiada branquitude) são incontornáveis. Com a outra face da mesma moeda, outros afirmam que os negros não estiveram na aurora da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia. Não surpreende, portanto, que uma parte fundamental da memória e da história das Ciências Sociais seja alvo de um processo de "branqueamento". A isto se soma o que Mariza Corrêa (1995) chamou de "notoriedade retrospectiva": "o modo como o renome adquirido a partir de um certo momento pode iluminar a vida inteira de um personagem" (p. 112, grifo da autora); e evanescer as vidas de outros tantos.

Veja-se o caso do antropólogo haitiano Joseph-Anténor Firmin (1850-1911), que publicou no ano de 1885, em Paris, o *Discurso sobre a igualdade das raças: antropologia positiva*, no qual promovia uma crítica às teorias racialistas do século XIX e, principalmente, à obra de Arthur de Gobineau (1816-1882). Embora o Discurso de Firmin seja anterior aos primeiros escritos de Émile Durkheim (1858-1917) e Marcel Mauss (1872-1950), o seu nome não costuma ser lembrado nos cursos dedicados às origens da antropologia e da sociologia em língua francesa.

O silêncio em torno de Firmin também nos impede de saber que o seu exemplo foi crucial na trajetória de Jean Price-Mars (1876-1969), que mais tarde seria anfitrião, amigo e interlocutor de Melville Jean Herskovits (1895-1963), um dos mais destacados alunos de Franz Boas (1858-1942). A importância dessas relações não se resume aos bastidores do advento da antropologia afro-americana e do Caribe, pois são os elos inexplorados de uma rede que revela a composição de campos de pesquisas, assim como a contribuição e o protagonismo de pessoas negras, desde o início do processo de institucionalização das Ciências Sociais (cf. Price & Price, 2003).

A antropóloga Zora Neale Hurston (1861-1960) ocupa um lugar de destaque nessa história. Em *Barracoon* (1931), *Mules and Men* (1935) e *Tell my Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica* (1938), obras escritas durante o período de formação em antropologia e baseadas em pesquisas em comunidades negras nos Estados Unidos e nas ilhas do Caribe, Zora seguiu a orientação que Franz Boas transmitia aos alunos: cada cultura deve ser compreendida em seus próprios termos. E foi além, ao desenvolver uma forma de escrita que, ainda na década de 1930, apresentava uma solução

original às críticas que os pós-modernistas enunciariam somente cinquenta anos mais tarde. Os "grandes divisores" cedem lugar a um processo de correspondência, de polifonia e autoconhecimento, para além da convencional (o)posição Nós x Eles.

Consagrada como uma das principais expoentes da literatura norte-americana do século XX, Zora Hurston continua desconhecida pela maioria dos estudantes e pesquisadores de Ciências Sociais brasileiros. De sua vasta obra, somente o romance "Seus olhos viam Deus" (2002 [1937]) encontra-se disponível em português, embora tenha sido objeto de uma única edição, desde então esgotada.

Nascida no estado de Alabama, o seu pai foi carpinteiro e pastor Batista e a mãe professora. Durante a graduação na Universidade de Howard, Zora trabalhou como garçonete e manicure. Em 1925, mudou-se para Nova Iorque, onde iniciou os estudos de pós-graduação sob a orientação de Franz Boas, no Barnard College da Universidade de Colúmbia. Zora foi uma das principais personagens do movimento conhecido como "Renascimento do Harlem", publicando textos e ensaios literários, ao mesmo tempo em que realizava as primeiras pesquisas de campo sobre folclore. A "bolsa" recebida de sua "madrinha", Charlotte Osgood Mason (mulher branca da elite nova-iorquina e financiadora de artistas e escritores negros do Harlem), provocaria diversos incômodos e conflitos, levando-a a escrever uma crítica contundente sobre o que chamou de "O sistema do negro pet" (1943).

Entre 1931 e 1934, trabalhou em peças e roteiros para o teatro. Em 1935, obteve o título de PhD em Antropologia. Nos anos seguintes, fez pesquisas na Jamaica, com o financiamento da Fundação Guggenheim, e no Haiti, onde escreveu o seu romance mais aclamado pela crítica, "Seus olhos viam Deus". Em 1941, publicou a autobiografia "Dust tracks on a road", enquanto também trabalhava como consultora para a produtora cinematográfica Paramount Pictures.

A última pesquisa de campo foi realizada em Honduras, entre 1947 e 1948. Em 1951, após a rejeição de seus manuscritos por editores que os julgavam inapropriados e de pouco interesse ao mercado literário, mudou-se para Belle Glade, na Flórida, onde foi jornalista correspondente e professora substituta. Em 1959, Zora Hurston sofreu um infarto. Em 1960, faleceu e foi sepultada como indigente, em uma cova comum e sem identificação. Alice Walker, uma das principais responsáveis pela redescoberta de Zora Hurston e pela republicação de suas obras nos Estados Unidos, foi quem localizou, em 1973, o cemitério e os restos mortais, instalando no local um memorial e uma lápide, onde se pode ler: "Zora Neale Hurston: um gênio do Sul. Novelista, folclorista e antropóloga".

*

Insatisfeitos com a falta de políticas de diversidade e de empenho institucional para a criação de currículos antirracistas, os estudantes negros e negras do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito, no campus de Vitória, reuniram-se, no mês de outubro de 2017, e encaminharam uma carta ao Departamento de Ciências Sociais, exigindo que os docentes passassem a incluir, em todas as ementas, ao menos dois autores negros/as.

Após 15 anos na área, tendo sido estudante e docente em diferentes instituições de ensino superior, foi apenas em virtude da demanda daqueles estudantes negros e negras que me dei conta da gravidade do processo de (de)formação acadêmica e intelectual a que estamos submetidos e ao qual submetemos os nossos estudantes. A carta serviu de estímulo para o oferecimento de uma disciplina, intitulada "Branco sai, Preto fica: uma introdução à antropologia de autores negros/as", no primeiro semestre de 2019.

A tradução do ensaio "O que os editores brancos não publicarão" (1950), originalmente veiculado na revista *Negro Digest*, teve o propósito de tornar este pequeno fragmento da obra de Zora Hurston acessível aos estudantes inscritos na disciplina. No ensaio, a autora lamenta a falta de interesse dos editores brancos em publicar livros nos quais os negros pudessem ser retratados em sua diversidade, e não apenas através dos estereótipos cristalizados no imaginário norte-americano. Zora defendia a necessidade de falar dos negros de classe média, de seus relacionamentos afetivos e amorosos, de suas paixões artísticas e de seu cotidiano.

Deborah Plant (2007) afirma que o ensaio expressa a reação de Zora à rejeição ao seu manuscrito "Mrs. Doctor", cujos personagens eram negros/as bem-sucedidos. Ela estava prestes a concluir o livro, quando os editores a informaram de que o público americano ainda não estava pronto para aquele tipo de literatura. A oratura dos interlocutores e personagens também representava um obstáculo para a publicação dos livros, pois ainda que os editores demonstrassem interesse pelas histórias, alegavam que seria inviável publicá-las enquanto estivessem escritas em um "dialeto". Em outra ocasião, ela precisou lidar com a reticência de seu próprio orientador, Franz Boas, diante do convite para que ele assinasse a introdução ao livro "Mules and Men" (1935) .

No ensaio, Zora denuncia as políticas editoriais que só permitiam a publicação de obras que se referissem aos negros por meio de narrativas superficiais. Nessa literatura, negros e indígenas são como os bonecos de cera que os representam no "Museu Americano de História Inatural": eles nada sentem e nada têm a dizer. Para que os negros e outras minorias possam ser representados de modo adequado, "um grande princípio da arte nacional precisa ser violado" (1979 [1950], p. 173).

O mesmo se pode dizer a respeito da presença de autores negros e negras nos cursos de Ciências Sociais e na história oficial da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia. A conclusão do ensaio de Zora Hurston ressoa, de modo atual e inadiável, na necessidade de uma

revisão profunda dos currículos e dos clássicos de nossas disciplinas: “Que haja luz!” (1979 [1950], p. 173). E que haja luzes negras!

Referências Bibliográficas:

CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do gênero na história da antropologia. Cadernos Pagu, v. 05, p.109-130, 1995.

HURSTON, Zora Neale. What white publishers won’t print. In: HURSTON, Z.N. **I Love Myself when I Am Laughing... and then again when I am looking mean and impressive: a Zora Neale Hurston reader.** New York: Feminist Press at CUNY, 1979. Originalmente publicado na revista Negro Digest, v.0 8, Abril, p.85-89, 1950.

______. **Barracoon: the story of the last “Black Cargo”.** Editador por Deborah Plant. New York: Amistad, 2018 [1931].

______. **Mules and Men. New York: Harper Perennial**, [1935] 1990.

______. **Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica**. New York: Harper Perennial, [1938] 1990.

______. “The ‘Pet Negro’ System”. American Mercury, n° 56, p. 593-600, 1943.

MEISENHELDER, Susan. “Conflict and Resistance in Zora Neale Hurston’s Mules and Men”. In: BLOOM, H. (org.) **Zora Neale Hurston - Bloom’s Modern Critical Views**. New York: Bloom’s Literary Criticism, pp.105-130, 2007.

PLANT, Deborah. **Zora Neale Hurston: a biography of the spirit**. Westport: Praeger Publishers, 2007.

PRICE, R.; PRICE, S. **The Root of Roots: Or, How Afro-American Anthropology Got Its Start**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

Tradução

O que os editores brancos não publicarão[1]

Zora Neale Hurston

Fico espantada com a falta de curiosidade dos Anglo-Saxões sobre as vidas e emoções dos Negros, assim como em relação a quaisquer povos não Anglo-saxões dentro de nossas fronteiras, acima da classe de trabalho não qualificado.

Essa falta de interesse é muito mais importante do que parece à primeira vista. É ainda mais importante neste momento do que no passado. Os assuntos internos da nação têm consequências sobre o estresse e a tensão internacionais, e esta lacuna na literatura nacional tem agora um tremendo peso nos assuntos mundiais. A coerência e a solidariedade nacionais estão implícitas em uma compreensão profunda dos vários grupos dentro de uma nação, e esta falta de conhecimento sobre as emoções e o comportamento das minorias não pode deixar de limitar a compreensão. O homem, como todos os outros animais, teme e é repelido por aquilo que não compreende, e a mera diferença é capaz de conotar algo maligno.

O fato de não haver demanda por histórias incisivas e completas sobre os Negros, para além da condição de classe trabalhadora, é indicativo de algo de grande importância para esta nação. Este espaço em branco NÃO é preenchido pela ficção construída em torno dos Negros de classe alta, explorando o problema racial. Em vez disso, ele tende a apontar para cima. Um Negro escolarizado ainda não é uma pessoa como qualquer outra, mas apenas um problema mais ou menos interessante. Isso lembra uma história do tempo da escravidão. Nesta história, um mestre com mais curiosidade intelectual do que o habitual, começou a ver o quanto ele poderia ensinar a um escravo particularmente brilhante. Quando o levou a compreender a matemática e a adquirir fluência em latim, ele chamou um vizinho para mostrar seu brilhante escravo, e para argumentar que os Negros tinham cérebros, assim como os proprietários de escravos. Dadas as mesmas oportunidades, seriam iguais.

O vizinho olhou e escutou, tentou pregar uma peça no escravo letrado em álgebra e latim, mas sem sucesso. Contrariado, disse:

"Sim, ele certamente conhece matemática, e ele pode ler latim melhor do que muitos homens brancos que eu conheço, mas não consigo acreditar que entenda qualquer coisa do que ele está fazendo. É tudo uma imitação da nossa cultura. Tudo está fora (de lugar). No mínimo, você é

[1] Traduzido de HURSTON, Zora Neale. *I Love Myself when I Am Laughing... and then again when I am looking mean and impressive: a Zora Neale Hurston reader*. New York: Feminist Press at CUNY, 1979, pp. 169-173. Originalmente publicado na revista *Negro Digest,* v. 8, Abril, 1950, pp.85-89.

louco se acha que isso o mudou por dentro. Solte-o e ele voltará imediatamente para a selva. Ele ainda é um selvagem, e nenhuma quantidade de traduções de Virgílio e Ovídio mudarão quem ele é. Na verdade, tudo o que você tem feito é transformar um selvagem útil em uma fera perigosa".

Sim, isso foi no tempo da escravidão, e nós percorremos um longo caminho desde então, mas o problema é que ainda há muitos que se recusam a acreditar na "ingestão" e "digestão" da cultura ocidental. Daí a falta de literatura sobre as emoções mais elevadas e a vida amorosa dos Negros e das minorias, em geral.

Editores e produtores são favoráveis à ideia. Agora, não pense que editores e produtores constituem uma classe especial de descrentes. Isso está longe de ser verdade. As editoras e os promotores teatrais estão no negócio para ganhar dinheiro. Eles patrocinarão tudo o que eles acreditam que vai vender. Eles evitam histórias românticas sobre Negros e Judeus porque sentem que conhecem a indiferença pública a tais obras, a menos que a história ou a peça envolvam tensão racial. Ela pode então ser oferecida como um estudo em sociologia, com o lado romântico subjugado. Eles conhecem o ceticismo, em geral, sobre as emoções complicadas das minorias. O americano médio simplesmente não pode conceber isso, e estaria apto a rejeitar a noção, e os editores e produtores tomam a posição de que não estão no negócio para educar, mas para ganhar dinheiro. Por mais simpáticos que possam ser, eles não podem se dar ao luxo de travar uma "Cruzada".

Como prova disso, você pode notar vários editores e produtores avançando um pouco, e que estão prontos para ir ainda mais longe quando as "pesquisas" mostram que o público está pronto para isso. A falta de interesse do público é a chave da questão. Naturalmente, coloca-se a questão de saber por que razão esta indiferença, para não dizer este ceticismo, com a vida interna das minorias educadas.

A resposta está no que podemos chamar de MUSEU AMERICANO DE HISTÓRIA INATURAL. Este é um intangível construído sobre uma crença vulgar. Assume-se que todos os não-Anglo-saxões sejam estereótipos simples. Todo mundo sabe tudo sobre eles. Eles são figuras leigas montadas no museu, onde todos podem tomá-los em um piscar de olhos. Eles são feitos de arames tortos e sem qualquer interior. Então, como alguém poderia escrever um livro sobre o inexistente?

O Índio Americano é uma engenhoca de fios de cobre, com os cocares de sempre, incapaz de sorrir, de face inexpressiva, e que diz "Como?" quando se fala com ele. Sua única atividade é a traição que leva a massacres. Quem é tão burro para não saber tudo sobre os índios, mesmo que nunca tenham visto um ou conversado com alguém que os tenha conhecido?

A exposição do Negro Americano é um duplo. Ambos os brinquedos mecânicos [do indígena e do negro] são construídos para que os seus pés se movam eternamente, e os seus olhos se movimentem. Pés baralhados e olhos que estalam. Esses pés e olhos descrevem o Negro, e nenhuma caracterização é genuína sem essa monotonia. Uma pessoa está sentada em um toco pegando o seu banjo, cantando e rindo. O outro é um personagem mais amoral, até o meeiro começar a resmungar sobre injustiça. Fazer isso o torna um "intelectual" Negro. É tão simples quanto isso.

Todo o museu é dedicado ao "típico" conveniente. Lá estão os "típicos" Orientais, Judeus, Ianques, Ocidentais, Sulistas, Latinos e até mesmo Nórdicos desfavoráveis, como o Alemão. O Inglês que diz velhas expressões toscas e o Francês que gesticula. O Americano menos observador pode conhecê-los todos de relance. No entanto, o público aceita de bom grado o atípico nos Nórdicos, mas se sente enganado se o atípico é retratado nos outros. A autora de *Scarlet Sister Mary*[2] queixou-se comigo de que os seus vizinhos se opuseram ao livro, alegando que os personagens pensavam, "e todo mundo sabe que os 'Negos'[3] não pensam".

Mas, para o bem-estar nacional, é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele.

O problema com os argumentos puramente problemáticos é que eles deixam muito desconhecido. Argumente tudo o que você quiser ou puder sobre a injustiça, mas enquanto a maioria não puder conceber um Negro ou um Judeu sentindo e reagindo da mesma maneira, a maioria continuará acreditando que pessoas que não se pareçam com eles não podem sentir como eles sentem, e se conformam a um padrão estabelecido. É bem sabido que deve haver um corpo de matéria renunciada, digamos, de coisas aceitas e tomadas como óbvias por todos em uma comunidade, antes que possa haver uma comunhão de sentimentos. A frase usual é ter coisas "em comum até um certo limite", o que está completamente estabelecido em relação aos Negros na América, assim como para outras minorias. E assim permanecerá impossível para a maioria

[2] N.T.: PETERKIN, Julia. 1928. *Scarlet Sister Mary*. Indiana: Bobbs-Merrill Company. O livro recebeu o importante prêmio Pulitzer, em 1929, e provocou polêmica ao narrar a vida de uma jovem personagem negra. *Scarlet Sister Mary* foi acusado de "obsceno", por confrontar as tradições religiosas e o modo convencional em que os negros eram retratados na literatura norte-americana da época. Embora não haja uma definição do momento histórico em que se passa o romance, pode-se inferir que se refere ao início do século XX. Mary e as outras personagens negras são descritas como pertencentes a uma comunidade Gullah, negros falantes de uma língua crioula e que se encontravam nos estados da Carolina do Sul e da Geórgia, no sul dos Estados Unidos.

[3] N.T.: No original, "Nigras". Termo racista semelhante a "nigger".

conceber um Negro experimentando um amor profundo e duradouro, e não apenas a paixão do sexo. Que uma grande massa de Negros possa ser tocada pelos desfiles de primavera e outono; pela extravagância do verão e a majestade do inverno. Que possam e experimentem a descoberta dos numerosos rostos sutis, como base para um amor profundo e desinteressado, e as diversas nuances que destroem esse amor, como costuma acontecer com qualquer outra pessoa. Diante do atual estado de coisas, essa capacidade, essa evidência de emoções elevadas e complicadas, está descartada. Daí a falta de interesse em um romance que não gire em torno da luta racial.

Essa insistência na derrota, em uma história em que os Negros de classe alta são retratados, talvez diga algo do subconsciente da maioria. Envolvidos na cultura ocidental, o herói ou a heroína, ou ambos, devem parecer frustrados e caminhar para a derrota, de alguma forma. Nossa literatura está repleta disso. É o mesmo que dizer: "Você pode traduzir Virgílio e se atrapalhar com o cálculo diferencial, mas você pode realmente compreendê-lo? Você consegue lidar com as nossas sutilezas?"

Isso nos leva ao folclore da "reversão ao tipo". Essa curiosa doutrina tem uma aceitação tão ampla que é trágica. Basta apenas examinar a enorme literatura sobre o assunto para se convencer. Não importa o quão alto *pareçamos* subir, coloquem-nos sob pressão e voltaremos ao "tipo", isto é, ao mato. Sob uma camada superficial de cultura ocidental, os tambores da selva pulsam em nossas veias.

Esta ideia ridícula torna possível para aquela maioria que aceita cogitar até mesmo que um homem, como o sofisticado e erudito Dr. Charles S. Johnson , esconda um osso de gato preto, entre em uma cerimônia de voodoo à meia-noite, com pele de leopardo e tambores, caso o Dr. Charles se sinta ameaçado com a perda da presidência da Fisk University ou do amor de sua esposa. "Sob a pele... melhor lidar com eles nos negócios, etc., mas mantenha-os a uma distância segura e sob controle. Eu digo a você, Carl Van Vechten , pense como quiser, mas eles não são como nós".

A extensão e a extravagância dessa noção atingem o cúmulo do absurdo na crença generalizada de que os Chineses têm genitais estranhos, por causa daquela dobra nos olhos que faz com que pareçam puxados. O fato de que nenhuma biologia mencione qualquer diferença não importa. Milhões de pessoas acreditam nisso. "Você sabia que um Chinês tem...". Consequentemente, sua maneira contemplativa e silenciosa é interpretada como um sinal de astúcia e uma inclinação traiçoeira.

Mas a cunha[4] da abertura para uma melhor compreensão foi introduzida na fenda. Embora muitos Negros tenham denunciado o “Nigger Heaven” de Carl Van Vechten por causa do título, sem nunca tê-lo lido, o livro, escrito com a mais profunda sinceridade, revelou a riqueza e a cultura dos negros ao público branco. Criou curiosidade mesmo quando despertou ceticismo. Fez com que as pessoas quisessem saber. O “The Other Room”, de Worth Tuttle Hedden[5], definitivamente ampliou a abertura. Nenhuma destas obras bem escritas tem como tema central o romance da vida negra da classe alta, mas a atmosfera e o pano de fundo estão lá. Esses trabalhos devem ser acompanhados por algumas histórias incisivas e íntimas, de dentro para fora.

A história realista em torno de um Negro oficial de seguros, dentista, clínico geral, empreendedor e afins seria muito reveladora. Uma ficção finamente disfarçada em torno de nomes Negros bem conhecidos também não é a resposta. O "excepcional", assim como o “Ol’ Man River”[6], já foram explorados fora de contexto. Todos já estão resignados ao Negro “excepcional”, e dispostos a se entreter com o “pitoresco”. Para entender a penetração da civilização ocidental em uma minoria é necessário saber como a média se comporta e vive. Livros que lidam com pessoas, como no “Main Street” de Sinclair Lewis[7], são a medida do necessário. Por várias razões, o Negro médio, esforçado e não-mórbido é o segredo mais bem guardado dos Estados Unidos. Sua revelação ao público é a coisa necessária para acabar com o sentimento de diferença que inspira o medo e que sempre se expressa em desgosto.

É inevitável que esse conhecimento destrua muitas ilusões e tradições românticas que os Estados Unidos provavelmente gostam de ter por perto. Mas, então, nós não temos nenhum registro de alguém afundando em uma morte prolongada ao descobrir que não havia Papai Noel. O velho mundo vai levá-lo em seu ritmo. A percepção de que os Negros não são melhores nem piores e, às vezes, tão fantásticos quanto todos os outros, dificilmente matará a população da nação.

Fora das atitudes raciais, há ainda outra razão pela qual essa literatura deveria existir. A literatura e outras artes supostamente sustentam o espelho da natureza. Apenas com o

[4] N.T.: peça de metal ou madeira dura cortada em ângulo agudo, usada para fender pedra ou madeira, bem como para calçar, nivelar ou ajustar objetos.
[5] N.T.: Worth Tuttle Hedden, 1896-1985. No livro *The Other Room* (1947), a escritora e novelista norte-americana narra a trajetória de uma jovem mulher branca que, por acaso, se candidata ao cargo de professora em uma universidade negra de New Orleans, em 1920. Na trama, a personagem vive um relacionamento inter-racial com um personagem negro, revelando assim as cenas de vidas marcadas pelo racismo e pelas leis segregacionistas.
[6] N.T.: *Ol' Man River* é uma canção, escrita por Oscar Hammerstein II, com música de Jerome Kern, datada de 1927. A canção tornou-se conhecida ao ser utilizada como tema da comédia musical "Show Boat", de 1936, que narra a história e a luta de trabalhadores afro-americanos do ponto de vista de um estivador negro.
[7] N.T.: Sinclair Lewis, 1885-1951. Autor do best-seller “Main Street” (1920), foi o primeiro escritor norte-americano a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1930. O seu livro “Não vai acontecer aqui” (1935), disponível em português, é uma resposta ao crescimento de grupos fascistas nos Estados Unidos.

fragmentário, o "excepcional" e o "pitoresco" retratados, uma imagem verdadeira da vida dos Negros na América não pode surgir. Um grande princípio da arte nacional precisa ser violado.

São essas as coisas que os editores e produtores, enquanto representantes credenciados do povo americano, ainda não tomaram suficientemente em consideração.

Que haja luz!